

Entrevista – Cláudia Peixoto de Moura
“Nós da Comunicação tendemos a trabalhar com métodos qualitativos, porque, acredito, muitos pesquisadores desconhecem os procedimentos metodológicos quantitativos”



ED WILSON ARAÚJO, THAÍSA BUENO, MARCO ANTÔNIO GEHLEN e LUCAS SANTIGO ARRAES REINO

O amadurecimento do campo da Comunicação entre as ciências sociais pode ser percebido pelo aumento no número de profissionais da área que já dedicam seus estudos à metodologia. O que antes era geralmente tratado por pesquisadores de outras áreas, hoje já conta com representantes como Cláudia Peixoto de Moura, professora doutora da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), pós-doutora no Departamento de Filosofia, Artes e Comunicação (FAC) da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, e coordenadora do curso de Relações Públicas da Famecos.

Mas ainda há muito o que desenvolver na área da educação, reconhece a pesquisadora: "A gente precisa olhar com mais atenção, principalmente a área de ensino, porque é o ensino que vai fazer com que, através dos seus alunos egressos, o mercado também se modifique. Então, a responsabilidade com o ensino é fundamental e eu não vejo muitos trabalhos nesse sentido".

Nessa entrevista ela aborda as carências e os pontos fortes dos campos de comunicação, o crescimento da produção na área de metodologia, a realidade das pesquisas atuais e outros temas valiosos para o ensino, a pesquisa e a extensão na área da comunicação.

REBEJ: Com relação ao campo da Comunicação, quais as áreas estão carentes de pesquisa?

Entrevista: Cláudia Peixoto de Moura

“Nós da Comunicação tendemos a trabalhar com métodos qualitativos, porque, acredito, muitos pesquisadores desconhecem os procedimentos metodológicos quantitativos”

CLÁUDIA: O que eu sempre digo e que acho superimportante é o fato de a gente poder teorizar sobre nossas práticas. Há poucos trabalhos que fazem esse tipo de abordagem. A gente pesquisa sobre uma área específica, uma tecnologia, um uso, algo assim mais pontual, mas não pesquisa sobre as nossas rotinas, nossas práticas profissionais e acadêmicas. Eu posso dizer, como uma pesquisadora, que há pouca bibliografia e pesquisa na área de ensino da Comunicação. Então, penso que as práticas profissionais e as práticas acadêmicas seriam nichos de pesquisas muito interessantes e que poderiam contribuir muito, tanto em termos profissionais como de formação. A gente precisa olhar com mais atenção, principalmente a área de ensino, porque é o ensino que vai fazer com que, através dos seus alunos egressos, o mercado também se modifique. Então, a responsabilidade com o ensino é fundamental e eu não vejo muitos trabalhos nesse sentido.

REBEJ: Como está o cenário da produção de obras voltadas para a Metodologia da Pesquisa em Comunicação no Brasil?

CLÁUDIA: Há muito pouco, pouquíssimas obras, considerando outras temáticas que são bastante exploradas. Penso que é uma área carente nesse sentido. A metodologia está muito veiculada à questão do ensino. Então ensino e pesquisa são áreas que eu posso considerar carentes de bibliografias específicas, de obras que abordem vários aspectos que poderiam auxiliar na formação tanto profissional, como também na formação de um pesquisador. Alguns eventos da Comunicação já estão focando na questão de método de pesquisa, técnicas de pesquisa, técnicas de abordagem, tipos de análise, já há eventos que colocam como tema central esse tipo de temática porque as entidades que são representativas de alguma classe, de profissionais ou de pesquisadores, já identificaram uma lacuna no conhecimento considerando que é uma temática fundamental para a produção de conhecimento.

REBEJ: E já que estamos falando de metodologia, em um trabalho acadêmico, como a senhora ilustraria a tática e a estratégica no processo de produção do conhecimento científico?

CLÁUDIA: Num trabalho acadêmico, a estratégia eu poderia colocar como o método utilizado, meu caminho amplo utilizado para chegar ao meu objetivo, a minha finalidade. A tática seria a técnica que eu utilizaria para chegar rapidamente ou, com algumas derivações, ao meu destino. Então, método seria a estratégia que eu encontraria para trilhar esse caminho e a tática seria a técnica, as várias possibilidades que eu teria para percorrer esse caminho. Se eu fosse fazer uma analogia, poderia dizer que tenho num mapa o ponto A até um ponto B. Eu traço a minha estratégia para chegar o mais rápido possível naquele ponto e a minha tática seria o veículo que utilizaria para chegar nesse ponto mais rapidamente. Então, faço o mapeamento que me ajudaria a definir bem essa estratégia e a tática seria a forma como eu encontro de chegar a esse destino rapidamente, ao menor custo e com qualidade.

REBEJ: Ainda que de maneira modesta, os estudos da Comunicação, particularmente do Jornalismo, tem se aproximado das pesquisas quantitativas,

depois de anos de resistência a esse modelo. Como a senhora avalia essa mudança na postura dos pesquisadores?

CLÁUDIA: Eu penso que as metodologias precisam ser combinadas. O fato de trabalhar métodos quantitativos e qualitativos na área da Comunicação é extremamente salutar. Nós da Comunicação tendemos a trabalhar com métodos qualitativos, porque, acredito, muitos pesquisadores desconhecem os procedimentos metodológicos quantitativos. O fato de juntar metodologias me garante um olhar muito mais amplo sobre o fenômeno, o fato que estiver analisando. Vejo já estar havendo uma mudança nesse sentido. Acredito até em função desse novo momento, em que os novos estudantes já têm o domínio de programas como o *Excel*, por exemplo. Isso já está fazendo com que possibilite também uma curiosidade a respeito de um cruzamento de dados que é facilmente feito em função da tecnologia. Penso que a tecnologia está contribuindo na medida em que vejo um maior interesse dos novos alunos por esse tipo de abordagem metodológica.

REBEJ: A Comunicação é considerada uma área que transitam várias outras áreas. Até que ponto essa característica prejudica a formação de um campo específico da Comunicação? E que tipo de esforço vem sendo feito pelos pesquisadores para consolidar esse campo da Comunicação?

CLÁUDIA: Bom, na área de Teorias da Comunicação há um maior número de publicações nesse sentido. O esforço dos pesquisadores é monumental porque esses livros acabam circulando e sendo apropriados pelos alunos no sentido de ter uma formação mais qualificada e fundamentada. Eu vejo a Comunicação como um campo muito híbrido. Tenho várias influências de áreas, digamos assim, consideradas mais consolidadas, e eu já penso a Comunicação teoricamente como um campo das Ciências da Comunicação. São várias ciências que fundamentam essa área. E não pode ser diferente. A Comunicação ainda é uma área nova, ela pressupõe conhecimento de outras áreas, metodologias de outras áreas. Então penso que nesse momento a gente enxerga a Comunicação como uma área que está se fortalecendo, mas que depende de várias 'disciplinas', aqui entre aspas porque não são conhecimentos compartimentados e sim compartilhados. Nesse momento em que isso está acontecendo penso que é um momento importante e que pode, no futuro, consolidar as Teorias da Comunicação.

REBEJ: A senhora acredita que é interessante ao novo pesquisador tentar uma formação interdisciplinar ou seriam mais eficientes os estudos especializados, com mestrado e doutorado na mesma área da graduação?

CLÁUDIA: Eu vou dizer pela minha própria vivência. Eu fiz primeiro uma escolha em Comunicação, depois fui para a Sociologia e depois eu voltei para a área da Comunicação, no doutorado. A Sociologia contribuiu muito para meu conhecimento a respeito de metodologias, de discussões mais voltadas à sociedade, foi bem importante. Mas, tenho que registrar aqui que eu fiz Sociologia porque era um momento em que estava vivendo na minha cidade e não tinha perto de mim um curso de pós-graduação, um mestrado em Comunicação, então optei em fazer Sociologia, que é uma área do

Entrevista: Cláudia Peixoto de Moura

“Nós da Comunicação tendemos a trabalhar com métodos qualitativos, porque, acredito, muitos pesquisadores desconhecem os procedimentos metodológicos quantitativos”

conhecimento extremamente próxima da Comunicação. Já no doutorado, escolhi fazer um doutorado fora porque eu queria esse título que nos garante essa identidade acadêmica na área da Comunicação, uma área profissional que fiz lá nos idos anos 1970.

REBEJ: Na sua avaliação, já temos no país nomes importantes pensando à Comunicação no Brasil, ou ainda estamos na dependência de nomes estrangeiros, com uma base mais sólida?

CLÁUDIA: Acho que nós temos grandes pesquisadores aqui no Brasil e posso dizer que em vários momentos, algumas viagens que já fiz e congressos com pesquisadores estrangeiros, o Brasil é reconhecido por ter uma área de Comunicação bem fundamentada, com pesquisadores que têm trabalhos relevantes e que são utilizados fora daqui também. Acho que o nosso maior problema não é o número de pesquisadores e sim as nossas obras não estarem na versão em inglês. Esse é um problema muito maior do que nós não termos pesquisadores. Acho que nós temos vários pesquisadores importantes que estão com ideias inovadoras e fazendo inovações que são relevantes para a área em termos de formação e práticas acadêmicas, mas o fato de as nossas publicações não terem essa versão faz com que o conhecimento fique muito aqui no país. Se eu for pensar em termos de América Latina, eles utilizam toda nossa bibliografia devido à proximidade da língua, mas se eu for para um país onde a língua é o inglês ou mesmo o francês já há mais dificuldade dessa publicação circular. A qualidade dos pesquisadores é enorme e isso pode ser comprovado quando a gente pensa nos grandes eventos europeus, por exemplo. Nós temos entidades que congregam pesquisadores europeus e brasileiros em que no corpo diretivo da entidade nomes brasileiros aparecem. São doutores renomados com vasta produção. Essa vasta produção acaba impactando, garante-se capital cultural e faz com que essas pessoas tenham um espaço nessas entidades.

REBEJ: Nesse sentido, que congressos hoje um pesquisador, ou um estudante de em processo de doutoramento tem que participar?

CLÁUDIA: A *Compós* é importante porque é Associação dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. É fundamental porque é a associação que reúne as pessoas que estão na área da pesquisa, nos programas de pós-graduação, e as discussões passam por ali. O *Intercom* (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação) é um evento muito mais aberto, a *Compós* é um evento mais fechado, direcionado. Mas eu acho importante também participar de eventos abertos, onde o nosso trabalho pode ser divulgado, replicado. É um espaço de divulgação das nossas práticas acadêmicas, dos nossos trabalhos e do nosso pensamento. O evento também é importante para que a gente estabeleça a nossa rede de relações, um pesquisador precisa dessa rede. Então, circular significa participar de eventos com trabalhos, com *papers*, para que o meu pensamento seja debatido, discutido, para que eu possa fazer a diferença para aquela comunidade. Então eu sugiro a *Compós* e o *Intercom*. Penso também que a *Rede Alcar* (Rede Alfredo de Carvalho para o resgate da memória e a construção da história

da imprensa no Brasil) tem eventos muito interessantes. Tem um evento nacional a cada dois anos, um ano é de evento nacional e o outro é de eventos regionais. Tanto nos regionais como no nacional eu acho importante essa participação. Claro que é uma instituição direcionada à história da mídia, mas penso que todos os trabalhos de modo geral podem fazer um gancho, uma vinculação com história da mídia, na medida em que a gente pode contextualizar nossas temáticas. Acho que essas três participações, de um modo geral, deveriam ser priorizadas. Depois eu penso que é necessário participar dos eventos de área profissional, por exemplo, a *ABRAPCORP*, que é a Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação Organizacional e Relações Públicas. Tem a *SBPJor*, que é a Sociedade Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo, se o meu foco é estudos em Jornalismo é relevante a minha participação num espaço de discussão da área profissional onde meu trabalho seja debatido e que as pessoas então conheçam o que eu estou pensando e realizando. Penso que esse seria o caminho de todo pesquisador: congressos com propostas diferentes e nas três entidades. 